

# Tribuna Operária

ANO IV Nº 136 DE 19 A 26 DE SETEMBRO DE 1983

Cr\$ 100,00

**RIO  
exclusivo**

## Favelados do Vintém:

# “Porque saqueamos os supermercados”

Nossa reportagem localizou e entrevistou, com exclusividade, os iniciadores da onda de saques que sacudiu o Rio de Janeiro. Favelados da Vila do Vintém, ganhando sa-

lários de fome ou desempregados, eles invadiram supermercados para pegar o que comer. A ideia surgiu quando um deles chegou em casa com a refeição dos filhos: um pão.

Pág. 8

## Saques em Sergipe na luta feroz contra a fome

Flagelados falam à Tribuna Operária sobre o drama da seca. Leia na pág. 8

EDITORIAL

## Que saia Figueiredo

S entindo-se acuada num beco sem saída, o general Figueiredo tenta mais uma manobra para prolongar o seu governo e salvar o regime militar. Aciona a sua máquina oficial de propaganda, apregoando que vai consultar toda a sociedade — inclusive a oposição! — sobre a sucessão presidencial afim de indicar um nome de consenso nacional.

S e fosse honesto, em primeiro lugar o presidente deveria reconhecer que lhe falta a mínima credibilidade para tal tarefa. Até mesmo entre as hostes pedesistas o general se desmoralizou. E mais do que isto, a democracia é a consulta ao povo, em eleições diretas, limpas, sem fraudes e sem casuismos e não este cambalacho que se pretende realizar, onde na verdade só têm direito a opinar os apantiguados do regime e certos oposicionistas de boca, que traem o povo por qualquer migalha da mesa dos poderosos. E assim mesmo olhe lá — porque esta tal “consulta” só foi pensada quando o governo perdeu o controle das disputas dentro da própria panelinha que até agora vem sustentando o poder.

A lém disto, se de fato ouvisse o povo, o general veria que a situação chegou a tal gravidade, que “soluções” para 1983 já se tornaram insatisfatórias. Os brasileiros nas ruas, nas fábricas, nos trens e ônibus superlotados reclamam medidas de emergência. Chega de roubalheira como as da Delfin, da Capemi, da Coroa-Brasil, todas praticadas por gente íntima do Planalto. Basta de dívidas e mais dívidas acumuladas com gastos que só servem ao capital estrangeiro. Fim imediato da tração nacional e dos pacotes tipo 2.024, 2.045 e outros negócios comandados pelo FMI. Nas cidades e no campo o que se houve é que não dá mais para tolerar este governo agonizante que, nos seus estertores, joga milhões no desemprego, massacra os salários, arrasa a economia nacional. Por mais surdo que seja, nin-

guém pode deixar de ouvir o clamor dos nordestinos famintos invadindo cidades e armazéns, desde o Piauí até o norte da Bahia. E dos igualmente famintos favelados que, em desespero, saqueiam os supermercados no Rio de Janeiro. Só mesmo quem não quer não escuta a revolta dos trabalhadores demitidos aos milhares dia a dia por todo lado, dos estudantes que não têm como pagar as mensalidades exorbitantes, dos enfermos que não são atendidos pela Previdência Social, dos moradores das periferias, cada dia sendo exotados para mais longe pelos alugueis absurdos e sofrendo durante horas dentro de condições caras e péssimas. A não ser os generais no poder, não há quem não ouça o brado das mães de família que não podem mais comprar um pão e leite para seus filhos.

T odas estas vozes gritam em unísono que saia Figueiredo e o regime militar. Ai existe de fato consenso. A este sentimento unânime soma-se o fato de que Figueiredo já não tem condições de governar. Sua base de sustentação política está em plena decomposição, fragmentada pelas disputas de grupos, desmoralizada pelos escândalos da corrupção. O governo, na prática, transformou-se em desgoverno. Desta forma, para a imensa maioria dos brasileiros, a solução imediata é substituí-lo por um governo provisório, que represente os democratas, os patriotas sinceros, e o movimento popular. Só assim se criam as condições para que, num clima de liberdade, o povo seja chamado a opinar sobre os destinos do país através de representantes legitimamente eleitos, numa Assembleia Nacional Constituinte.

S e os generais não ouvem o povo, as massas populares unidas têm condições de se manifestar de forma energética e fazer valer sua vontade. E abrir uma nova etapa, de progresso, de liberdade e de esperança para o país.



A polícia enfrenta os favelados: em poucos dias, houve mais de 30 saques e 50 tentativas de invasão de supermercados e padarias

## O roubo dos salários no truque dos índices

Os operários perdem. As multinacionais ganham. Pág. 4

## Correspondente em Israel fala do massacre de Sabra e Chatila

Jornalista do “Le Monde” comenta sobre o crime

## Estudantes depredam ônibus em Goiânia

Universitários contra o aumento da tarifa. Pág. 4

## Trabalhadores organizam atos contra o 2.045

Na quarta-feira mais de 150 lideranças paulistas reuniram-se na Câmara Municipal e decidiram indicar 30 de setembro como um dia unitário de luta pela rejeição do decreto-lei 2.045. Estiveram presentes representantes dos quatro partidos de oposição, de vários e importantes Sindicatos, do Conselho Estadual das SABS,

da OAB, UNE e UBES. Os grandes ausentes foram os membros da central sindical petista, que parecem não se empenhar na organização de uma manifestação pública massiva contra o arrocho salarial. Gaúchos, cariocas e mineiros também prepararam atos unitários no dia 30.

Página 5.

## Grupo terrorista atua na polícia paraibana

Principais ruas bloqueadas, a oposição é ameaçada. Página 4



## Chiquinha Gonzaga revive no teatro

Uma justa homenagem à compositora e feminista no Teatro do Sesi. Pág. 7



# Ecoss do terror sionista em Sabra e Chatila

O dia 18 de setembro marca o primeiro aniversário do monstruoso massacre cometido nos campos palestinos de Sabra e Chatila em Beirute Ocidental. Por esta ocasião chegou ao Brasil o jornalista israelense Amnon Kapeliouk, membro da redação da revista "New Outlook" de Tel Aviv e correspondente do jornal francês "Le Monde" em Israel.

Amnon veio lançar em diversas capitais brasileiras seu livro "O Massacre de Sabra e Chatila", onde fornece provas irrefutáveis do envolvimento profundo e direto do governo Begin no horrível banho de sangue. A **Tribuna Operária** conversou longamente com o autor sobre o episódio do massacre e a atual situação de Israel e do Oriente Médio. Publicamos a seguir os principais pontos da nossa conversa:

**T.O. — Qual o impacto que o massacre de Sabra e Chatila teve em Israel?**

Amnon — Esse massacre é parte integrante, certamente a parte mais revoltante, da guerra do Líbano, e não um acontecimento isolado. O fracasso de Israel na guerra como um todo abalou profundamente o governo de Tel Aviv. Provou que é impossível resolver o conflito entre o Estado de Israel e o povo palestino pela via do militarismo genocida. A própria renúncia de Begin é consequência direta desta derrota política, onde o massacre teve um papel chave para o seu isolamento interno e externo.

**T.O. — Itzhak Shamir, indicado para substituir Begin, também foi responsável pelo massacre?**

Amnon — Com certeza. Shamir, junto com Begin e Sharon, formou a "tróika" que decidiu, sem consultar o resto do governo, que as tropas de Israel deveriam invadir Beirute Ocidental abrindo caminho para o massacre. Quando este estava ainda no seu início Shamir recebeu notícias da matança

ca. Ele poderia ter parado imediatamente o massacre.

**T.O. — O que você diz sobre a Comissão Kahane, convocada pelo governo de Israel para investigar o incidente e apontar responsáveis?**

Amnon — Em primeiro lugar tem de ficar claro que a nomeação da Comissão foi fruto da gigantesca pressão da opinião pública israelense. Begin não queria de maneira alguma que se investigasse a participação do governo no massacre. Procurou chamar personalidades ligadas ao "sistema". Apesar disso, o relatório da Comissão contribuiu positivamente para esclarecer certos aspectos da culpabilidade e da responsabilidade de vários chefes militares e civis israelenses nos acontecimentos.

Houve, propositadamente, graves lacunas no trabalho da Comissão. Os três encarregados do inquérito trataram de moderar o seu resultado para evitar uma convulsão social e política maior em Israel. Isto permitiu a Begin evitar e retardar a queda do seu governo. A única mudança efetuada como resultado direto do trabalho da Comissão foi a nomeação do notório "falco" Moshe Arus para substituir o general Sharon no Ministério de

## Aldo fala sobre massacre

O deputado Aldo Arantes, do bloco popular do PMDB goiano, relembrou em pronunciamento na Câmara dos Deputados, o massacre de Sabra e Chatila, hipotecando irreversivelmente a solidariedade aos povos palestino e libanês. A seguir, trechos de seu pronunciamento:

"Há exatamente um ano, na semana de 14 a 18 de setembro de 1982, o mundo assistiu horrorizado ao massacre de aproximadamente 3.500 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, trucidadas pelas falanges cristãs libanesas, com o apoio e a cumplicidade criminosa do exército de Israel, nos campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila.

"A política beligerante e terrorista do governo de Israel, comandada diretamente pelo primeiro-ministro Menachem Begin, que recentemente renunciou ao seu posto, já provocou o assassinato de mais de 50 mil pessoas, a destruição de 3 cidades, 4 acampamentos de refugiados totalmente arrasados, 34 aldeias aniquiladas e mais de 10 mil prisioneiros.

"Nessa guerra contra o povo palestino, aprofundada no ano passado com a invasão de Beirute, bombardeada impedidamente pelas forças israelenses, foram usadas bombas de fragmentação e fósforo, proibidas internacionalmente, arremetidas indiscriminadamente contra hospitais, escolas e residências, trazendo um saldo de mais de 90% de vítimas civis.

"Ao lembrarmos o massacre de Sabra e Chatila, queremos reiterar nosso veemente repúdio pela política terrorista de Israel no Oriente Médio, que está provocando um verdadeiro genocídio no Líbano, com o apoio e o incentivo dos Estados Unidos. Reiteramos também nossa irrestrita solidariedade ao povo palestino e à Organização pela Libertação da Palestina (OLP), como legítima representante de seu povo. O governo brasileiro deve atender aos apelos crescentes da comunidade palestina de nosso país e às manifestações que se sucedem em todo o mundo e reconhecer definitivamente a OLP como a única e legítima representante do povo palestino.

Defesa, enquanto este ficou ministro sem pasta.

Assim, entre as 221 pessoas que testemunharam perante a Comissão, não havia nenhum palestino ou libanês. A Comissão também se negou a aceitar o fato óbvio de que o posto de comandante do exército israelense, localizado no terraço de um edifício de sete andares a poucos metros dos acampamentos, podia ver claramente a matança que lá ocorria.

**T.O. — O que você diz sobre o envolvimento direto das tropas da força de paz nos confrontos em Beirute?**

Amnon — A tal força de "paz" vai revelando que na verdade trata-se de uma força de guerra e ocupação. O governo norte-americano queria e quer é que as tropas de Israel façam o seu jogo no Líbano. Por isso não queriam que os soldados israelenses recuassem para o Sul. Mas Israel teve que recuar devido à crescente oposição interna à sua presença no Líbano. Agora os soldados norte-americanos, junto com os ingleses e franceses, são forçados a atacar diretamente as forças patrióticas libanesas.

## Forças de paz ou tropas de ocupação?

Os Estados Unidos tomam a cada dia atitudes mais agressivas para o controle do Líbano. Já estão com 14 vasos de guerra ancorados em frente a Beirute, sob o comando do porta-aviões Eisenhower — armado com 80 aviões de combate — e com 1.200 "marines" em território libanês, além de outros 4.600 a bordo dos navios, prontos para entrar em ação.

Tudo este poderio bélico está no Líbano como parte da força internacional, junto com tropas da França e de outros países, a pretexto de manter a paz. Na prática é uma tropa de ocupação, para substituir o exército de Israel, forçado a retirar-se.

Várias correntes políticas libanesas, principalmente os muçulmanos drusos, liderados por Walid Jumlat, não aceitam o presidente Amin Gemayel, imposto pelos sionistas durante a ocupação de Beirute, e tratam de ocupar espaço e conquistar posições abandonadas pelas tropas israelenses.

As tropas ianques estão envolvidas diretamente no conflito, ao lado dos falangistas de Gemayel. Já na semana passada uma fragata americana disparou contra as posições dos drusos. Agora, Ronald Reagan autorizou suas tropas a empregar todo o poder de fogo disponível. Isto significa mais um passo do imperialismo na sua escalada agressiva, usando a linguagem militar para ampliar a sua influência no mundo.



A repressão violenta isola ainda mais o governo militar de Pinochet

## O povo luta nas ruas do Chile

A grande Jornada Nacional de Protesto do povo chileno, realizada na ocasião do 10º aniversário do golpe fascista do general Augusto Pinochet, transformou-se numa autêntica batalha campal que durou mais de seis dias. O regime militar organizou grupos paramilitares para atacar a população junto com a repressão oficial.

A repressão pós Santiago em pé de guerra. Cassetetes, bombas de gás e metralhadoras foram usados para dispersar grupos de manifestantes. A população reagiu com pedras e barricadas. Depois as manifestações e confrontos prosseguiram fundamentalmente nos bairros residenciais. Seguer os bairros de classe média foram poupados pela violência policial.

### BARRICADAS OPERÁRIAS

Mas o centro dos protestos e confrontos continuou sendo os bairros operários, onde as lutas continuaram até a madrugada de 14 de setembro, e os milicos cometeram seus crimes mais bárbaros e covardes. As mobilizações também tiveram características mais avançadas que as anteriores. A população concentrou os seus esforços em organizar sua defesa para impedir a entrada da polícia. No bairro de "La Victoria", onde o índice de desemprego chega a 60%, foram criadas comissões responsáveis por erigir barricadas com blocos de paralelepípedos, treinadas mulheres para primeiros socorros, preparadas atiradeiras e "coquetéis Molotov".

O saldo político da jornada foi um ainda mais brutal isolamento do regime de Pinochet. Agora perca o medo". Por toda a parte ocorreram comícios relâmpagos, exigindo democracia.

semelhantes aos comitês formados em 1973 contra o governo Allende, foram vistos juntos com a polícia e o exército. Na madrugada da jornada cinco pessoas foram mortas, supostamente por pertencer ao grupo de oposição MIR. Mas isto não impediu a adesão massiva ao protesto. Dezenas de milhares de panfletos foram distribuídos na capital, com os dizeres — "Já perdemos tudo. Agora perca o medo".

(Luis Fernandes)

## Ataques aéreos contra a Nicarágua Sandinista

A Nicarágua vem sendo vítima, nas últimas semanas, de ataques ao seu território de aviões da organização anti-sandinista Aliança Revolucionária Democrática — ARDE — liderada pelo traídor Eden Pastora, que ataca o sul do país, a partir da Costa Rica, enquanto aviões de treinamento T-38, vindos de Honduras, atacam as regiões ao norte. Ao que tudo indica, a estratégia visa danificar as instalações da Força Aérea Nicaraguense e a Central de Comunicações em Managua, além de destruir os depósitos de combustíveis localizados em Puerto Corinto.

Apesar do governo costarriquenho afirmar não ter dado apoio aos ataques procedentes da fronteira sul nicaraguense, foi encontrado em poder do piloto, Agustín Roman, responsável pela avião abatido no dia 8 pelas baterias anti-aéreas sandinistas, permissão de voo do pequeno aeroporto Tobias Bolaños, situado perto da capital da Costa Rica.

O ministro da Defesa nicaraguense informou que 115 contra-revolucionários morreram em diferentes combates com o exército sandinista, recuperando para o governo de Managua o povoado de Halover e as proximidades da cidade de Bluefields que estavam nas mãos dos rebeldes. No entanto, segundo o vice-ministro da Nicarágua, comandante Luiz Carrion Cruz, 1.200 anti-sandinistas vindos de Honduras e Costa Rica entraram em território nicaraguense com o objetivo de desencadear uma guerra de guerrilhas que inclui sabotagem a centros estratégicos do país. O governo nicaraguense responsabilizou todos estes atentados ao governo de Reagan, que voltou a declarar que não aceita a estabilidade e a legitimidade do governo de Managua. E que o seu governo está empenhado em justificar-lo, como um lembrete, para ele e outros, do preço que terão de pagar por se oporem à política ianque.

(D. Pereira)



Crianças, velhos, doentes. A matança indiscriminada dos refugiados palestinos.

## Albânia Socialista apóia a luta do povo palestino

No início deste mês realizou-se na Suíça uma Conferência Internacional da ONU sobre o problema da Palestina. Esteve presente Maxham Petra representando a República Socialista da Albânia. A seguir publicamos os principais trechos do seu discurso:

"O povo mártir palestino continua a viver sem pátria, depois de viver e lutar em circunstâncias extremamente difíceis, sem terra e sem lar, por mais de três décadas. A máquina de guerra israelense, atrás da qual está a mão do imperialismo americano, tem praticado continuamente massacres bárbaros contra o povo palestino que assumem a forma de genocídio aberto. Nos territórios ocupados, na margem ocidental e na faixa de Gaza, nas colinas de Golã, a população palestina e a população árabe têm sido submetidas a um terror feroz semelhante ao terror nazista.

"Os crimes monstruosos perpetrados pelos sionistas contra o povo da Palestina e em geral toda a política aventureira de Israel no Oriente Médio têm encontrado livre acesso, sobretudo graças à ajuda e ao apoio militar, econômico e político do imperialismo norte-americano. Os imperialistas americanos e seu instrumento, Israel, pensam que depois dos acontecimentos do Lí-

bano as condições estão criadas para desfechar um golpe destruidor à luta de libertação do povo palestino. Neste contexto se insere também o tristemente famoso acordo de "paz" no Líbano que, assim como o de Camp David, é mais um elo na cadeia de complexos sionistas-imperialistas em detrimento da justa causa dos povos árabes e em particular do povo palestino. Tel Aviv e Washington têm necessidade de fraçãoar o povo palestino, de consagrar a ocupação do Líbano por Israel, de incrementar a presença militar americana que ameaça a liberdade dos povos da região e que aumenta o perigo de guerra.

"A atitude dos social-imperialistas soviéticos em relação ao problema palestino não difere, na sua essência, da dos imperialistas americanos. Eles têm suas próprias pretensões e interesses militares no Oriente Médio. Por isso fazem todos os esforços para reforçar suas posições. Sob uma grande capa demagógica em que se apresentam como "anti-imperialistas" e "aliados" do povo palestino e dos outros povos árabes, os sionistas-imperialistas soviéticos usam o complexo às costas destes povos. Basta ver seu comportamento durante a agressão fascista ao Líbano, quando tentaram transformar em objeto de comércio a sua diplomacia secreta em Washington.

"Nos últimos tempos tem ficado em evidência que as superpotências imperialistas, os sionistas israelenses e a reação vêm intensificando suas intrigas e seus complôs contra o povo palestino. Eles visam em particular destruir a unidade dos povos árabes, que constitui uma arma poderosa de luta. Os perigos que ameaçam o povo palestino são grandes. Mas este saberá prosseguir na sua luta. E nesta luta jamais estará só. Terá sempre ao seu lado seus irmãos árabes e todos os povos amantes da paz e da liberdade no mundo".



Peká: "Os palestinos não estão sos"

### Assine a Tribuna Operária

Assine a Tribuna Operária e apoie este jornal porque, além de divulgar as lutas populares, ele tem uma proposta voltada para os interesses da classe operária e de combate claro à política internacionalizante do atual regime. É ponto de honra para todos os democratas o apoio incondicional à Tribuna Operária, como também a todas as lutas por um Brasil democrático e livre.

(Mirtes Bevilacqua, vice-presidente da CPB e deputada federal pelo PMDB do Espírito Santo)

**Desejo receber em casa a Tribuna Operária.**

- ( ) Anual de apoio (52 edições) R\$ 10.000,00
- ( ) Anual comum (52 edições) R\$ 5.000,00
- ( ) Semestral de apoio (26 edições) R\$ 3.000,00
- ( ) Semestral comum (26 edições) R\$ 2.800,00
- ( ) Exterior, anual R\$ 2.800,00

Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda.  
Rua Adoniran Barbosa, 53 (antiga Travessa Brig. Luiz Antônio)  
Bela Vista - São Paulo, SP, CEP 01318

NOME: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

# PMDB: a disputa pelo programa na televisão

Num clima de grande tensão, o PMDB gravou na quarta-feira o programa político que irá ao ar no próximo dia 23 em rede nacional de rádio e televisão. Os setores mais combativos do partido criticaram e exigiram mudanças nos critérios adotados pela direção do PMDB na escolha dos oradores, onde se privilegiava a corrente conciliadora e moderada.



Chico Pinto (à esquerda) abro central do setor moderado do PMDB

A montagem do programa trouxe à tona as profundas divergências políticas que marcam o comportamento do maior partido de oposição, dividido entre aqueles que defendem uma postura nitidamente oposicionista de combate ao regime e os que insistem em levar o PMDB para o leito obscuro, duvidoso e equivocado da conciliação com o governo militar.

Durante toda a semana uma parcela ponderável da bancada parlamentar do partido manifestou o seu descontentamento com a predominância do setor moderado, conciliador, na lista de ora-

dores do programa. Gerou veeementes protestos a exclusão na lista dos deputados Francisco Pinto e Miguel Arraes, respectivamente secretário-geral e segundo vice-presidente da Executiva Nacional, sob o argumento de que são "excessivamente radicais". Foi combatida também a escolha de Arnaldo Gonçalves — "fura greve" — e de João Paulo Pires Vasconcelos, que além de ser ligado a Anampós, nem é filiado ao PMDB.

Todos estes problemas refletem a forma autoritária que tem norteado as decisões da cúpula peemedebista. Comentam-se que as linhas gerais do programa foram definidas previamente pela ala paulista do PMDB, cada vez mais comprometida com as teses conciliadoras e com a postura moderada, numa clara tentativa de isolar o setor mais combativo do partido.

### TOM OPOSICIONISTA

Apesar de todos estes problemas, a gravação do programa significou uma vitória contra a conciliação. A presença de um grande número de militantes, lotando o auditório Petróni Portella, fez com que o programa acabasse tendo um tom marcadamente oposicionista. Os ativistas gritaram palavras de ordem combativas e exigiram a presença dos deputados Chico Pinto, Miguel Arraes e Aurélio Peres, único deputado operário do PMDB e que também fora excluído da lista inicial de oradores. Aurélio foi incluído entre os oradores oficiais e, se Chico Pinto e Arraes estivessem presentes, também deveriam falar devido a pressão popular.

O programa que vai ao ar reunirá esses oposicionistas e combativas. Não apareceu qualquer defesa da conciliação, do consenso ou do entendimento com o regime militar. Bandeiras como a luta contra o 2.045, a defesa das eleições diretas, da Constituinte, do rompimento com o FMI, da legalização da UNE, entre outras, ocuparam o espaço e irão ao ar no dia 23. (da sucursal)

# Estão "escolhambando" o plano de Figueiredo

"Já estão me escolhambando", grunhiu quarta-feira o general Figueiredo. Falava dos próprios "presidenciáveis" do PDS, que tomaram o freio nos dentes, engulfinham-se e precipitam a crise política. O poder joga ainda a carta do "entendimento" com a oposição moderada. Mas já há quem indague até se para chegar até março de 1985.

Dos três "presidenciáveis" no páreo, o deputado Paulo Salim Maluf insiste na sua candidatura "rebelde". Na semana passada, em Belém, reafirmou: "Se a Convenção (do PDS) existir um candidato, este será Paulo Maluf; se existirem dois, um deles será Paulo Maluf; e se existirem três, o primeiro será Paulo Maluf".

Já o vice-presidente Aureliano Chaves, que antes proclamava-se fiel soldado de Figueiredo, passou a dizer que pode concorrer à indicação na Convenção pedesista, mesmo que não seja o nome unido pelo general. Segunda-feira, após uma misteriosa conversa entre os dois, anunciou-se que Aureliano estava "liberado" para fazer à vontade sua campanha.

O único a dizer-se obediente a Figueiredo, mas apenas por contar com suas boas graças, é o ministro Mário Andreazza. "Nos abrimos mão disso — proclamou —, abrimos mão de tudo, de acordo com a decisão do presidente". Em compensação, Andreazza não engodou o plano de Figueiredo de realizar "consultas" fora do PDS, junto aos governadores e aos dirigentes dos partidos oposicionistas, por considerar que estas favoreceriam Aureliano. Para o ministro do Interior, a discussão "deve-se dar dentro do partido, sem consulta externa".

QUE "CONSULTA" É ESSA? A "consulta" figueirediana, apresentada como novidade sem precedente desde o golpe de 1964, já começou, pelos governadores do PDS, e promete chegar à oposição. Sentindo-se impotentes para impor seus próprios nomes de continuidade do regime atual, os donos do poder apelam para as áreas mais dispostas à conciliação dentro do campo oposicionista. E encontram certo eco em algumas áreas vacilantes. O governador Tancredino Neves garante que, se convocado, irá falar com o general. No Rio, Leonel Brizola diz que "ao abrir o leque de consultas sobre a sucessão, o presidente deixa de representar apenas o PDS para assumir a posição de magistrado, transformando-se no presidente de todo o "povo".



Sarney, em busca de um "pacto" e Figueiredo, mal humorado com a sucessão

### A MISSÃO SARNEY

Sintonizado com a "consulta" de Figueiredo, o senador José Sarney, presidente nacional do PDS, inicia por conta própria conversações almejando chegar a um "pacto de transição" com as cúpulas moderadas dos partidos oposicionistas. E também já obteve algum resultado, pois o senador Nelson Carneiro (PTB) saudou a idéia, e o senador Saturnino Braga (PDT) propôs logo os pontos para o "pacto", afirmando que se houver entendimento sobre eles "subiremos a rampa do Palácio para formalizar a trégua sob a liderança de Figueiredo".

Porém a missão Sarney esbarra em obstáculos de outro tipo, desde a fragmentação do PDS, onde, a rigor, ele preside apenas uma ala, até a absoluta e várias vezes comprovada falta de poder decisório do partido governista para firmar qualquer acordo que seja levado à prática.

### CONTRA A MARE

Tanta "consulta" de Figueiredo, como "pacto" de Sarney refletem dificuldades crescentes e mesmo um certo desespero do regime militar. Além e acima do problema de quem será o presidente do Brasil em 1985, está em jogo como chegar até esta data, no ritmo que a crise vai adquirindo. Na economia e na política, numerosos sinais indicam que o governo Figueiredo já deu o que tinha que dar, embora lhe tenha ainda 18 longos meses de gestão pela frente. O país resistirá a eles?

Distintamente de iniciativas anteriores, como a "missão Portella" de 1978, as presentes tentativas de conciliação acontecem numa hora de estagnação econômica, virtual hipoteca da soberania nacional ao FMI, desagregação muito mais rápida das bases políticas do gover-

### O povo e os conciliadores

Se dependesse da boa vontade dos oposicionistas dispostos a fazer média, o governo federal estaria salvo e salvo, seguro e tranquilo. Nos últimos dias nota-se mesmo um encrudescimento no esforço dos moderados e em favor de um entendimento com o general Figueiredo. Em certos governadores de Estado eleitos pelo voto oposicionista, então, há um verdadeiro alô de, como diz a gíria dos políticos, "subir a rampa do Planalto".

Ha mesma atitude uma parte de medo dos generais, mas também muito medo do povo. Tem-se que, com a fome assolando tantos milhões de famílias trabalhadoras, qualquer posicionamento mais enérgico contra o governo central desembocou num nióbio de massas inconformadas, em mudanças políticas profundas e até numa revolução social.

Não seria de esperar outra coisa, dado o caráter de classe dessa área da oposição. De parte dos setores populares, a postura diante delas continua a ser: aliança, sempre que para dar combate ao regime da fome; e luta, sempre que se quiser conciliar com ele.

no e ascendo bem mais promissor das lutas operárias e populares. E se a "missão Portella" fracassar a oposição conseqüente tem todas as condições de derrotar as tentativas atuais.

### Frases dos oradores

Ulysses Guimarães: O PMDB diz não às eleições indiretas. Por um colégio eleitoral espúrio onde um grupelho pretende usurpar a democracia. Sim, as eleições diretas já. Não ao enxovalhamento da soberania nacional com a rendição ao FMI. Precisamos fazer com que Brasília seja a capital do Brasil e não Basília, na Suíça. O povo come pão e não usinas nucleares e transamazônicas.



Flávio "por um novo governo" operária irá a luta para derrotar na prática os seus eleitos.

Teotônio Vilela: Nossa linha é para interceptar a linha suicida, dirigida pelo governo brasileiro, por outros governos, e se associados. Se não ganharmos a luta pelo verbo, ganharemos por outros caminhos. A independência do Brasil será preservada a todo custo e então poderemos castigar de novo "Ou fazer a Patria livre ou morrer pelo Brasil".

Freitas Nobres: O 2.045 é um golpe mortal contra os trabalhadores. O governo nega que é uma questão de segurança nacional. Segurança nacional é a fome que campeia no Brasil.

Aurélio Peres: Se o Congresso Nacional não revogar o garrote do 2.045, a classe

Havio Patrício: Os estudantes lutam por um novo governo, que seja compatível com uma universidade autônoma, gratuita, democrática e voltada para os interesses populares.

# Carta do PMDB gaúcho repudia a conciliação

O PMDB gaúcho realizou nos dias 9, 10 e 11 de setembro um seminário sobre "A Crise e as Eleições Diretas", com a participação, entre outros de Teotônio Vilela, Miguel Arraes e dos senadores Pedro Simon e Severo Gomes. No final foi aprovada uma carta que afirma: "Nos não conciliaremos com o regime! Queremos um governo que se concilie com a nação".



Teotônio: "vamos até as armas na defesa do país"

O seminário, promovido pela Fundação Pedroso Horta, foi coordenado pelo ex-deputado Odair Klein e contou com a participação de lideranças do PMDB de todo Estado do Rio Grande do Sul. A sua abertura foi o momento de maior público. Mais de mil pessoas ouviram as opiniões do senador Teotônio Vilela. Disse ele: "Vamos nos organizar e mobilizar, pois nesta hora temos que ser radicais nas nossas posições em defesa da pátria. O PMDB precisa voltar à luta, o povo precisa agir rápido e energeticamente contra esta política".

Para Teotônio "estamos hoje às vésperas de um colapso total no país". Sobre os recentes acordos do governo com o FMI, o vice-presidente do PMDB declarou que "não seremos mais colônias sob hipótese alguma. Vamos até às armas se necessário na defesa do país contra o entreguismo". Ao final de seu pronunciamento, exortou todos à luta. "Vamos

continuar o combate ao governo, denunciando que o responsável por toda esta situação é o presidente da República, o general João Batista Figueiredo". Já o senador Pedro Simon afirmou que "o governo chegou ao respeito de todos os segmentos da sociedade".

CARTA DOS GAÚCHOS. A "Carta de Porto Alegre", aprovada no final do seminário, afirma: "O governo brasileiro perdeu a credibilidade, desativou a economia, a pretexto de reatuar a desemprego trabalhadores a pretexto de manter o nível dos salários e rebaixou os salários a pretexto de manter os níveis de emprego. O resultado final se expressa na destruição de nosso parque industrial, no acelerado crescimento de desemprego e na aniquilação do poder aquisitivo da população. Acen-

tua-se a dependência do país ao capital e aos interesses externos". Mais adiante o documento é taxativo: "O PMDB exige uma postura soberana diante da agiotagem internacional que determinou o agravamento de uma dívida ilegítimamente estipulada, sem compromisso nem consulta aos interesses da Nação". E conclui: "O PMDB, herdeiro de luta do MDB, nasceu com o compromisso básico de luta pela fim deste regime. O PMDB conclama a sociedade brasileira a uma ampla e energica mobilização nacional para: impor ao Congresso a rejeição dos decretos-leis 2.024 e 2.045; a denúncia dos contratos com o FMI e a declaração unilateral da moratória; eleições diretas para a presidente da República e pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte". (da sucursal)

# Mais arrocho e desemprego no novo acordo com o FMI

O governo Figueiredo se prepara para assinar mais uma Carta de Intenções com o FMI. E o terceiro capítulo da novela trágica: "O Brasil vai ao Fundo". O governo pede perdão por não ter cumprido as metas anteriores e faz promessas impossíveis. O plano é acabar com as estatais, aumentar o desemprego e o arrocho. E um documento humilhante.

Circulou pelas redações dos jornais uma cópia da nova Carta de Intenções, sem assinatura ainda, e que pode ser modificada por novas imposições dos banqueiros internacionais.

Nela o governo pede perdão ao FMI: revela que fez tudo que pôde para cumprir as metas anteriores. No item 7, por exemplo, o documento afirma: "a) os preços dos combustíveis foram aumentados em 45% no dia 9 de junho, terminando com os subsídios. b) os preços do trigo foram aumentados em 100% no dia 27 de junho; mais aumento serão introduzidos para eliminar os subsídios. c) os preços do aço e da eletricidade foram aumentados, até agosto em 1983, em 90% e serão reajustados até o fim do ano para ficarem 5% acima da inflação. d) os preços dos serviços prestados ao público estão sendo reajustados com frequência...". Nota-se a revoltante tentativa do governo de convencer o FMI de

amente a despesa pública. Para receber o método é o de sempre: aumentar os impostos. Mas é no aumento das despesas públicas que a Carta mais se concentra. E aí o seu principal sino às estatais. As estatais sofrerão cortes nos seus investimentos e importações — serão liquidadas a demitir em massa.

Esta política de destruição das estatais, e por tabela do parque industrial brasileiro, é escondida pelo nome de redução do déficit público. Pelas metas da Carta, esse déficit deverá passar de 10 trilhões atuais para zero, o que significaria arrasar nossa economia.

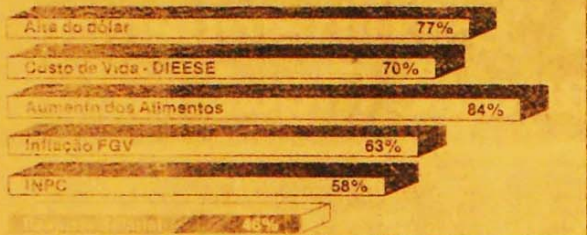
DEPRESSÃO E MISÉRIA. As metas dos acordos anteriores não foram cumpridas. E agora, como não estão as condições para o novo acordo? Nunca em toda a nossa história tivemos uma crise tão profunda. Os desmandos do governo, aplicando a política do FMI, levaram a economia para um estado de depressão. No primeiro semestre a indústria de bens de capital, medida a métrica da economia, teve uma queda de 20% na sua produção. A miséria e a fome brasileira viraram manchete dos jornais europeus. O servilismo com que o governo militar presta conta do que anda fazendo com nossa economia, na Carta de Intenções, denota que é mais que uma formalidade estabelecer a frase final que antecede a assinatura do documento: "sinceramente seus".

### Falsos milagre da carta ao FMI

seu servilismo. O texto diz que a política foi bem sucedida com a balança do comércio exterior, que deveria ter em 1983 um superávit de 6 bilhões de dólares. Mas admite que não conseguiu controlar a inflação e a despesa pública.

MORIE AS ESTATAIS. Na carta, o governo promete novas concessões ao FMI. Aplicará uma política ainda mais dura e repressiva para que a inflação, que hoje está na média mensal de 10%, caia para 2,5% em dezembro de 1984.

Índices dos últimos 6 meses



# A inflação e a queda do salário

A crise brasileira também atingiu os índices que medem a inflação. Os índices oficiais da FGV e do IBGE são fraudulentos, expurgados. Abaixo apresentamos formas de medir a inflação dos últimos seis meses. De um lado a desvalorização do cruzeiro, beneficiando os especuladores e trusts estrangeiros. De outro o pobre trabalhador com seu salário massacrado pelo 2.045.

**ALTA DO DÓLAR — 77%** — A desvalorização brutal do cruzeiro beneficia o capital estrangeiro. Fica mais barato comprar mercadorias e mão de obra, para os trusts. Também beneficia os exportadores e os que especulam com títulos do governo, a ORNT, com correção pelo dólar. Na verdade existem duas moedas no Brasil: o dólar para os ricos e o cruzeiro para os pobres. A desvalorização do cruzeiro é hoje a principal forma de medir a inflação no Brasil.

**AUMENTO DOS ALIMENTOS — 84%** — Foi tirado do cálculo do custo de vida do Dieese e demonstra a barbaridade cometida contra os trabalhadores. Principalmente para os desempregados e para os que ganham menos de 5 salários mínimos, camadas que têm na alimentação a maior parcela de seus gastos. O aumento dos alimentos nos últimos seis meses é fruto direto da política do FMI e até mesmo ultrapassa a alta do dólar.

**CUSTO DE VIDA — 70%** — Calculado pelo Dieese, numa pesquisa que mostra a perda de poder aquisitivo das famílias das esralarias. Calculado pelos Sindicatos de Trabalhadores, é o índice real que apesar de distorções financeiras e técnicas não é controlado pelo Delfim Netto.

**INFLAÇÃO FGV — 63%** — Esse índice é calculado há quase trinta anos. A fundação Getúlio Vargas é controlada pela turma do Simonsen e Bulhões. Decidiu-se partir para o expurgo dos índices e houve até ameaças de interposição na publicação dos dados. Em agosto, por exemplo, foram

apresentados dois índices: um de 10,1% e outro, o expurgado, de 9,5%. Essa existência de dois índices traz grande confusão e complica os cálculos até dos empresários.

**INPC — 58%** — Calculado pelo IBGE, está totalmente desacreditado. Afinal é o Delfim que manda no IBGE e dois técnicos responsáveis pelos cálculos foram demitidos por "excesso de honestidade". O INPC também é expurgado. O índice não expurgado nos últimos seis meses foi de 61%.

**REAJUSTE SALARIAL — 46%** — Para reajustar o salário dos trabalhadores o governo baixou o decreto 2.045, limitando os reajustes em 80% do INPC expurgado. Nos últimos seis meses o reajuste fica em 46%. Enquanto isso o dólar sobe 77%, ficando 31% acima do reajuste dos salários. Acima do gráfico ilustra os especuladores e monopolistas lucrando com a crise, e o salário dos trabalhadores sendo massacrado.



Para Aurelio Peres é urgente a mobilização popular para pressionar os deputados

# Manobra suja para aprovar o 2.024

Um cochilo das lideranças oposicionistas poderá permitir a aprovação, por decurso de prazo, do decreto-lei 2.024, anterior ao 2.045 mas igualmente danoso para o salário dos trabalhadores. Ao contrário do que se imaginava, o 2.024 continuou tramitando normalmente no Congresso Nacional, já que não foi revogado pelo seu sucessor, o famigerado 2.045.

Numa manobra hábil, o governo procurou fazer a aprovação do 2.024, deixando de reserva para substituir o 2.045, caso este seja revogado. Como o 2.045 estabeleceu uma política salarial para os próximos dois anos, não poderia ser revogado sem que houvesse a aprovação do 2.024. Assim, o salário dos trabalhadores não foi afetado pelo 2.045, o governo ainda mantém suas mãos outro decreto para arrochar os salários e negociar com os banqueiros internacionais.

Preocupados com a tramitação do 2.045, os líderes oposicionistas quase esqueceram o 2.024 e, quando perceberam a ameaça, já era tarde. Se não conseguirem ser votado até a próxima quarta-feira, dia 21, o decreto estará aprovado por decurso de prazo. Na semana passada, os partidos de oposição fizeram uma tentativa de mobilizar suas bancadas para tentar rejeitá-lo, mas não obtiveram êxito. Uma nova e mais intensa mobilização será feita na próxima semana.

No entanto, nesse caso, existe um perigoso complicador. O 2.024 é o decreto resultante do acordo entre o PFL e PDS.

Conta portanto com o apoio do partido de Ivete Vargas. Se os petebistas insistirem em não rejeitar o 2.024, o decreto tem grandes possibilidades de ser aprovado.

**ATESTADO DE ÓBITO**  
Independente disso, prosseguiu a luta pela derrubada do 2.045. Na semana passada a Comissão Mista que examina o decreto conseguiu se reunir pela primeira vez desde a sua instalação há mais de um mês e aprovou os depoimentos do ministro Murilo Macedo, do empresário Antonio Ermirio de Moraes e do dirigente sindical Joaquim Andrade. A oposição queria ouvir o ministro Delfim Netto, mas os deputados do PDS não aprovaram, sob a alegação de que é "desnecessário".

Os PMDB confirmou para o dia 21 a reunião do Conselho Nacional para fazer o parecer sobre o decreto. E o deputado Luiz Carlos Prestes afirmou que todos os deputados do partido estarão presentes à votação. "Se o atestado de óbito justifica a ausência", ameaça o presidente do PMDB.

Diante do quadro criado com a possibilidade de aprovação do 2.024 fica mais importante a necessidade de promover novas mobilizações populares contra os decretos de reajuste salarial. Esta é a única maneira eficaz de pressão sobre os parlamentares mais vacilantes e sobre o governo, como afirma o deputado estadual Aurelio Peres. "Se o governo conseguir aprovar o decreto, os trabalhadores, a classe operária e a população em geral, a quem os meios de comunicação não dão voz, terão que lutar por suas reivindicações pelo governo".

# Terroristas semeiam o terror na Paraíba

A Paraíba vive um clima de terror. Em menos de dois meses, três presidentes, como líder sindical e um soldado da Polícia Militar foram assassinados, e a vereadora Tereza Braga do PMDB e membro da Comissão de Justiça e Paz de Carapina Grande, sofreu um atentado. Além disso, um grupo que se intitula "Falange Patriótica" vem fazendo constantes ameaças a jornalistas, vereadores, e membros da Igreja.



Eufúlio

**ASSASSINATOS NOS PRESÍDIOS**

No dia 8 de junho vários elementos mascarados invadiram a cadeia de São Bento e eliminaram o preso Doadato da Silva. No dia 25, um outro preso era morto pela polícia dentro da Presidência de Sousa. No início de julho, policiais militares invadiram o Presídio de Campina Grande e assassinaram o preso José Dias, com mais de 70 anos. Um soldado foi ferido, e a prisão de outros 14 foi solicitada pelo juiz José Lisboa.

A advogada Tereza Braga



Franco

cuja residência foi alvo de tiros de espingarda e bombas de fabricação caseira, acusa "grupos organizados dentro da própria polícia" pelos crimes. Tereza cita os PMs José Alves de Almeida, Antônio Amorim e o sargento Francisco Honorato como responsáveis pelo atentado contra sua pessoa e sua residência. Ela chegou a acusa-los de atearem como pistoleiros profissionais a serviço dos usineiros e grandes proprietários de terras paraibanos. O próprio secretário da Segurança, deputado Fernando Milanez, confessou, no último dia 10, a existência de grupos organizados dentro da Polícia Militar.

**CHEIRO DE PÓLVORA**

E mesmo um deputado do PDS, Manoel Gaudêncio, afirma que "a solução para a violência em Campina Grande é prender todos os delegados e boa parte dos militares da PM."

O clima de violência aumentou no dia 12 de agosto, quando foi assassinada

a presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, Margarida Maria Alves. Tanto para esse assassinato, quanto para o atentado à advogada Tereza Braga, uma só acusação — feita pela advogada e pelo filho de Margarida, Severino Cassemiro — o usineiro Agnaldo Veloso Borges, maior dono das terras da Paraíba e líder do conhecido Grupo da Várzea, composto de políticos reacionários do PDS.

A apuração dos crimes é morosa e mantida em sigilo. O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Álvaro Diniz, denuncia: "Não se admite que a própria polícia apure crimes onde ela é a principal acusada. O governo do Estado tem a obrigação de garantir a vida de seus cidadãos, e não acolher o terror e o medo que estão espalhados na Paraíba".

**AMEAÇA TERRORISTA**

E além dos crimes e atentados, estão sendo realizadas também ameaças por uma entidade terrorista chamada "Falange Patriótica". Ela enviou à redação do "Diário de Borborema", de Campina Grande, uma carta anunciando que altas autoridades da Igreja, jornalistas e outras pessoas estavam para morrer. E no dia 8 enviou nova carta, desta vez à redação de "A União", ameaçando de morte o jornalista José Eufúlio Horácio: "se você continuar andando em Alagoa Grande, para fazer cobertura do assassinato de Margarida Alves, sua cabeça vai rolar".

Mas o jornalista não se amedrontou, e apontou o governo do Estado como "o responsável maior por toda onda de violência que vem acontecendo" (da sucessal)



Lido em Salvador confirma: os negros são maioria entre a população mais miserável.

# 1º Eneba fortalece a luta dos negros

Nos dias 9, 10 e 11 de setembro, realizou-se em Salvador, no Colegiado 2 de Julho, o I Encontro Negro do Estado da Bahia. Do seu processo de organização participaram diversas entidades que tratam de questões de interesse do negro de diversas formas, como lutas, ações, associações de bairro, grupos de estudos e o Movimento Negro Unificado.

O encontro atendeu aos seus propósitos, na medida em que conseguiu reunir cerca de 700 pessoas, negros na sua quase totalidade, muitos deles organizados, o que abre a possibilidade de suas entidades se comprometerem com as resoluções da reunião, foi reconhecida e o fórum mais representativo na Bahia nos últimos anos para tratar deste assunto.

Foram tiradas conclusões sobre o negro na sociedade brasileira hoje e sobre a sua interferência nessa realidade. É composta de negros a maioria da classe operária baiana e dos trabalhadores mais despossuídos tais como empregados domésticos, garçons, empregados na construção civil e das faixas sociais marginalizadas da sociedade, como pretos, presos comuns, mendigos abandonados. Ou seja, se participa mais violentamente atingidos e sacrificados nos seus direitos pelo sistema capitalista, baseado na desigualdade e na exploração de massas ao lado de minorias poderosas de pessoas. Isto aponta a urgência de uma atuação voltada em alguns aspectos, como:

1º - lutar em comum — antes servir para justificar a escravidão e hoje faz com que o negro seja tratado como "cidadão de segunda classe";

2º - o I Eneba denunciou a manipulação dos órgãos oficiais que dirigem o serval — que vendem a imagem da Bahia como paraíso da democracia racial ao mesmo tempo que tratam de soar os livros negros e abafar, confinando-os a espaços periféricos da cidade e em horários inoportunos — a violência política, que atinge particularmente o negro, consolidado pelos órgãos repressivos como negro marginal.

Foi aprovada a denúncia da discriminação racial no trabalho, a luta contra o desemprego, o repúdio ao decreto 2.045, e a exigência de salário-desemprego. O encontro também denunciou o regime militar e suas interferências no FMI. Foi unânime a posição de que os negros devem se organizar nos partidos políticos, nos sindicatos e demais entidades que lutam pela melhoria em graves problemas que afetam o povo brasileiro. Tereza do Espírito Santo (Secretaria do Eneba).

# Nova cisão nas hostes do P" C" Brasileiro

Abriu-se mais um capítulo na desagregação do agrupamento revisionista brasileiro, que agora evita até chamar-se partido ou usar a sigla PCB. Dia 31, em nota intitulada "Chegou a hora da verdade", o "Coletivo Estadual de Dirigentes Comunistas de São Paulo" pediu a cabeça do que chamou "direção residual". Esta respondeu destituindo os signatários.

Na polémica, a falta de princípios de ambos os lados tem como contrapelo uma troca de acusações de mais extremada virulência. O "Coletivo Nacional" acusa o "Coletivo Estadual" de buscar um "acerto de contas"; de "objetivos mesquinhos e bazofia partidária"; de travar "uma falaz luta pela legalidade que nos rouba a credibilidade"; de apoiar "acertos e acordos em detrimento do interesse dos trabalhadores". De passagem, critica a posição de Giocando Dias e Cia contra a greve de 21 de julho. E conclui: "Não queremos que uma direção residual nos conduza a uma situação também residual na sociedade. Recusamo-nos a ser um ornamento".

O "Coletivo Nacional" responde no mesmo nível. Diz que os dissidentes de São Paulo usam "todos os meios, mesmo os mais torpes, para tentar desacreditá-lo"; defende sua busca da legalidade jurídica para o que chama "a questão central (grifo do "CNDC") de qualquer transição efetivamente conseqüente à democracia"; se a postura dos seus adversários "uma capitulação aos interesses do regime"; "ilusões no regime e no futuro com os patrões"; "desprezo e aceitação passiva da direção burguesa"; "oportunistas"; "retorno ao arbítrio do golpismo, das manipulações e de tentar "provocar uma crise no nosso meio".

Com o argumento de que "não nos deixemos arrastar ao terreno para onde querem nos levar — o de uma infundável degladiação intestina"; o grupo giocandista recorre a punições e drásticas "Desautoriza iniciativas, ações e orientações políticas dos companheiros comprometidos com o conteúdo do documento, bem como qualquer representação que pretendam dos comunistas do Estado de São Paulo".

**A TRAGÉDIA E AS FARSAS**

O episódio encaixa-se num processo que vem desde 1958, quando a maioria do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil aderiu às teses do PCUS de Kruschov e tentou arrastar o partido para o revisionismo. Na época, os militantes fiéis ao marxismo-leninismo e a revolução enfrentaram a maré oportunista com um luta de princípios, que desaguou na reorganização do PC do Brasil, em 1962. A ala revisionista, que agrupou-se no chamado PC Brasileiro, desde então tem passado por sucessivas crises, em que cada uma assemelha-se a uma caricatura da anterior.

Assim, no fim dos anos 60 os grupos de Margareth Alves e várias "dissidências estudantis" trocaram o PCB pela via do revolucionarismo pequeno-burguês. Na década de 70, amadureceu e veio a feroz cisão do próprio secretariado geral, Luis Carlos Prestes-Agora, com o "Coletivo Estadual" paulista, dase-se nova ruptura. As divergências variam de caso para caso, sobre questões cada vez mais restritas e sempre dentro dos limites do oportunismo — em oposição à doutrina e ao partido revolucionários da classe operária. Porém, repetem-se, parecendo de fato condenar o PCB, sem oposição, a "uma infundável degladiação intestina".



# Duarte homenageia a inesquecível Lúcia

Há um ano, no dia 18 de setembro, falecia com a idade de 27 anos a nossa querida e inesquecível companheira Maria Lúcia Poço, vítima de insidiosa doença de câncer que a torturou durante dois longos anos.

Lúcia, como era por todos conhecida, tinha consciência de sua doença incurável, mas com seu espírito indomável de lutadora jamais se deixou abater. Lutou até o fim de sua preciosa vida.

Lúcia foi operária metalúrgica. Fazia parte do Sindicato de sua categoria, que sempre defendeu com ardor e entusiasmo. Defendeu sempre com energia e desassombro a unidade da classe do proletariado brasileiro. Participou das greves e assembleias, das campanhas salariais não só da sua categoria, mas também das assembleias e reuniões dos movimentos populares, levando sempre com clareza a sua palavra de encorajamento aos que lutavam por seus direitos.

Lúcia também se preocupava com a emancipação da mulher.



Lúcia, saudades de quem deixou um passado de luta.

Foi a principal organizadora do Congresso da Mulher Metalúrgica em 1979. Era uma camarada inteligente e estudiosa, procurava aprender e assimilar as leis objetivas que atuam no desenvolvimento social. Tinha uma concepção materialista do mundo, razão pela qual conse-

guia facilidade em se comunicar com as pessoas de várias tendências que trabalham e vivem de parcos salários.

Lúcia ostentava o maior orgulho de ser comunista e pertencer ao glorioso Partido Comunista do Brasil. Propagava e defendia ardorosamente o internacionalismo proletário e as idéias do socialismo científico.

Era simples e modesta, como a sua classe, a classe operária. Ouvia com atenção e respeito todas as pessoas, por mais modestas e simples que fossem.

Presidiu o Centro de Cultura Operária, ao qual deu o melhor de sua capacidade, no último ano de sua vida. Em toda a sua ação e em todos os lugares que atuou deixou grande número de amigos, particularmente entre os operários.

Ao transcorrer o primeiro ano da morte da nossa querida Lúcia, tendo-lhe simples e sentida homenagem em reverência à sua memória. Com a morte de Lúcia ficou entre nós um vazio difícil de preencher. Mas os seus camaradas e amigos não se abatem. Seguirão o seu exemplo. Aprenderão a vencer. Lúcia deixou muitos discípulos que continuarão a sua luta. Ela continuará vivendo na lembrança e no coração do povo que tanto amou e que muito próximo se libertará para uma vida radiante e feliz. (José Duarte, presidente do Centro de Cultura Operária)



fala o POVO

Nesta edição destacamos a carta do veterano dirigente comunista José Duarte. Ele presta uma sentida e singela homenagem a operária Lúcia Poço, falecida em setembro passado, vítima de câncer. Lúcia deu um grande exemplo de coragem na defesa dos direitos do povo e, como afirma Duarte, "deixou muitos discípulos que continuarão a sua luta". Realçamos também a carta de uma londrinense que narra a dura situação do seu irmão e amigos que trabalham como escravos numa Usina em Araçatuba; e a carta de uma ex-empregada da União de Açúcar e Café, demitida por apoiar a greve geral do dia 21, que conclama seus companheiros "a lutarem pelos seus direitos. Afinal, quem constrói a riqueza da fábrica?" (Olivia Rangel)

# Miséria na favela de Vila Prudente

Andando pela favela de Vila Prudente, São Paulo, em dias úteis, vemos jovens de 18 a 26 anos batendo papo sobre o desemprego no Brasil e o que gostariam de estudar. É o caso do José, Ademilson, Daniel, Francisco e muitos outros desempregados. Ou dona Antônia de Lima, com cinco filhos menores e seu esposo, um operário que ganha 40 mil cruzeiros por mês, que entrevistado disse que "dá pra comer apertado".

É o Moacir, que tem dois filhos, a mulher grávida, e seu INPS já venceu pelo fato de estar há muito tempo desempregado. Quando os filhos do Moacir lhe pedem de comer, diz ele que "dá vontade de sair roubando, só não roubei ainda porque tenho princípios e porque os amigos do Círculo Operário daqui da favela dão uma ajuda pra gente".

Nessas andanças a gente pode ver também pivetes, como o Roberto, que tem oito anos, pedindo algum trocado no cruzamento perto da favela. (Waldir — São Paulo, SP)



# Di Gregório não respeita os operários em Manaus

A Di Gregório é uma das maiores empresas no ramo de transportes rodoviário e fluvial do Amazonas. Possui mais de 1.500 empregados. Mas não é a toa que ela alcançou essa posição. O seu segredo, como não podia deixar de ser, é a super-exploração.

Apesar de ser uma grande empresa, não possui restaurante próprio como manda a lei. Em conse-

quência, frequentemente a comida fornecida vem estragada. Ai a gente tem que ficar sem comer e ninguém toma providência.

No trabalho, então, é de lasciar o cano. A gente pega o dia todo e geralmente tem virada a noite. Então, temos que ficar até de manhã. Como "convênio", eles dão um lanchinho à meia-noite. E no outro dia temos que pegar cedo de novo. Ou

seja, a gente nem pára. No entanto, a coisa mais comum é ver os companheiros reclamando das horas extras, que foram enganados.

A empresa também não tem serviço médico próprio. Mas se a gente adoecer e apresenta atestado médico, eles vêm logo ameaçando com justa causa. Eles nunca procuram agir direito com ninguém. (Grupo de ajudantes de caminhão amigos da TO - Manaus, Amazonas)

# Lavradores de Londrina viram escravos em Usina paulista

"Gatos" de Araçatuba, em São Paulo, vieram a Londrina, no Paraná, buscar gente para trabalhar nos canaviais da Usina Cruz Alcool, prometendo pagar de Cr\$ 40 a Cr\$ 50 pelo curte do metro de cinco ruas. Diziam que daria para tirar Cr\$ 6.000,00 por dia, livre de comida. Foi lotado um caminhão de lavradores daqui, só que quando lá chegaram o "gato" disse que havia batizado o salário para Cr\$ 10 a Cr\$ 15 por metro. O pessoal tinha deixado a família esperando por dinheiro, mas nem notícia puderam dar já que a usina é longe, a mais de 100 km de Araçatuba. A relação custa Cr\$ 800,00 e com muito esforço o trabalhador tira Cr\$ 3.000,00 por dia. Tem vez que só dá para ganhar para a família. Os que não desistem bebem pinga se largam pois o preço é bem mais alto e a conta vai crescendo no armazém.

Tem vez que vindo que a exploração era demasiada vendeu até o rádio para pagar a passagem de volta. Um dos que sofreu conta que alguns saíram a pé da usina. Ele pagou garrafa com o fidejussor Araçatuba e de lá tomou ônibus para Londrina, trazendo Cr\$ 12.000,00 de mais de um mês de trabalho. Depois os pés no "bar" do gato, tendo levado daqui o sabão, o fumo, etc. Ele trouxe cartas dos que não conseguiram voltar e nelas os lavradores dizem que são tratados como escravos.



"Gatos" após um árduo dia de trabalho.

Quem ganha com essa exploração é o usineiro. Com o desemprego há muitos que aceitam trabalho a qualquer preço. O trabalhador precisa se valorizar e só com a união de todos é que vamos acabar com esta situação. (Alfira, Londrina - irmã de um trabalhador que está em Araçatuba)

# União demite quem apoiou a Greve Geral

A Companhia União dos Refinadores de Açúcar e Café, em vista do apoio de alguns de seus funcionários ao movimento grevista realizado no dia 21 de julho, primeiro contou intimidando os que não tivessem greve e agora começa a dispensá-los.

Por que o apoio à greve do dia 21 de julho?

Primeiro, porque está na ordem do dia a luta contra o arrocho salarial imposto por esta política antinacional e antipopular imposta pelo Fundo Monetário Internacional.

Segundo, porque no Parlamento está para ser aprovado o Decreto Lei 2.045 — que pretende acchar ainda mais nossos salários. E só com a união de todos os trabalhadores, em especial da classe operária, é que seremos força para impedir

Terceiro, porque os trabalhadores não possuem nenhuma estabilidade no emprego. E nos sentimos ameaçados todos os dias ao chegar na fábrica e termos de bater o cartão de ponto. Não é justo que paguemos a crise que esse governo entreguista e patronal criou. Eles que paguem.

Quarto, porque nós, trabalhadores da União, que na grande maioria saímos do Nordeste, sabemos qual a luta e o sofrimento que vive o povo e somos obrigados a ir para São Paulo, expulsos da terra e passando sede e fome, aqui também nos deparamos com a mesma situação de miséria e desemprego.

Quinto, porque não agüentamos mais a carestia de vida. Vejam só o ônibus, é a sexta vez que aumenta este ano!

É possível ficar de cabeça baixa vendo toda essa situação? Por isso é justa e necessária a Greve. Os trabalhadores da União tem que lutar pelos seus direitos. Afinal, quem constrói a riqueza da fábrica?

Aqui vai uma mensagem para os operários e trabalhadores; ainda estamos pouco mobilizados e é por isto que tentam calar nossa voz, demitindo-nos. No entanto, as idéias permanecem e mais cedo ou mais tarde vão aparecer muitas vezes com força total para pôr fim a vergonhosa situação que vive nosso povo. Aos operários não resta outra saída senão erguer a cabeça e lutar para acabar com a exploração do homem pelo homem, pela igualdade social, pela soberania nacional e pelas eleições diretas para presidente. (Bla, funcionária demitida - São Paulo)

# Estudantes espancados na Faculdade de Mogi

A Faculdade de Filosofia de Mogi das Cruzes, que conta com 2.700 alunos, em pesquisa realizada pelo Diretório Acadêmico Magister observou que 23% destes alunos são desempregados, 1% possui bolsa de estudo, 2% crédito educativo, 80% ganham até três salários mínimos e 70% dificilmente poderão custear seu curso até o fim.

A partir destes dados, juntamente com o Diretório Acadêmico de Comunicação, os alunos vêm se manifestando contra o aumento de 58,5% na mensalidade e as represenções de que professores, alunos e funcionários são vítimas.

Em manifestação realizada dia 12, houve violenta re-

pressão por parte da direção da escola, que contrarou um grupo de paramilitares que espancaram e ameaçaram estudantes, inclusive utilizando gás lacrimogêneo.

É desta forma que o "educador" Maurício Chermann trata os estudantes. (um grupo de alunos da Faculdade - Mogi das Cruzes, São Paulo)

# Correio boicota a Tribuna Operária

Os trabalhadores brasileiros estão cada vez mais acreditando no valoroso jornal Tribuna Operária. Ocorre que aqui em Curitiba fatos vergonhosos vêm sucedendo.

Não sabemos se é sabotagem ou ordens "de cima", mas a verdade é que os correios daqui vêm desprezando

e sumindo com exemplares da Tribuna para alguns assinantes. E isso já faz muito tempo. Os responsáveis pelo jornal aqui na cidade por diversas vezes foram à direção do Correio, lá reclamaram e nada adiantou. De onde se conclui que trata-se de safadeza. Muitos desistiram de assinar, pois não recebem o

Por isso é importante que se publique esta carta, que pode ajudar os companheiros e a própria sucursal, pois o povo precisa ler este jornal de classe, ficar conhecendo o que se passa e se preparar para mudar este país que um dia será dos brasileiros. (M.G. - Curitiba - Mato Grosso)

# Vitória dos rodoviários de Belém

Em tumultuada eleição onde não faltou a tentativa dos patrões em tumultuar o resultado do pleito, a chapa encabeçada pelos experientes e combativos companheiros Evangelista (releito presidente), Gatinho, Cidade, Altino e Frederico derrotou as suas duas concorrentes, colocando 1.111 votos de diferença da primeira para a segunda colocada no Sindicato dos Rodoviários do Pará.

A Chapa 1 é formada pe-

la atual diretoria, reforçada por novos sindicalistas, e representa os interesses dos rodoviários do Pará. A chapa 2 é composta por companheiros equívocos que procuraram dividir a categoria em benefício de seu pequeno grupo. E a chapa 3 é financiada claramente pelos patrões, encabeçada por João da Cruz-nuca leve qualquer presença nas lutas da categoria.

Os patrões tentaram anu-

lar o pleito, obrigando motoristas a vestirem as 16 mil camisas com o símbolo da chapa 3 (assim poderiam alegar quebra de sigilo do voto). Durante o dia 17, dia da votação, membros da chapa 3 chamaram a polícia (DOPS, Militar e Federal), que ficou intimidando os rodoviários. Mas nada disso adiantou, e a categoria deu 1.470 votos para a chapa 1, consolidando sua vitória. (J.M.L.A., de Belém)

# Latifundiário demole casas no Piauí

Pedimos aos companheiros da Tribuna Operária a publicação da seguinte denúncia: O latifundiário Geraldo Elias de Aguiar pretende destruir a casa de Francisco de Assis Ferreira, pai de vários filhos, pelo simples fato do trabalhador ter construí-

do a casa vizinha a seu terreno. O lavrador, juntamente com a comunidade da bairro Caixa d'Água, propôs comprar uma parte do terreno (dois metros) do proprietário. Mas este desistiu, que não vendia nenhum centímetro e que seu propósito é o de de-

molar a residência do trabalhador. O caso está na Justiça e o Sindicato, ao saber do fato, começou a tomar as providências cabíveis. Saudações sindicais. (Francisco Alves da Silva - presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Piripiri - Piauí)

# Diferenças na oposição

A crise política em evolução no país aguçará rapidamente os conflitos de classes. E mesmo dentro das fileiras oposicionistas, revela cada dia com maior nitidez as diferenças de ideia e de modo de luta entre os setores burgueses e as forças operárias e populares.

## MEDO DA REVOLUÇÃO

A oposição burguesa, embora se manifeste contra o regime militar, por sua própria natureza de classe, tende para a conciliação. Com o tipo de desenvolvimento capitalista dependente em curso no país, cada vez mais os interesses da burguesia brasileira entrelaçam-se com os do capital estrangeiro: uma parte da grande burguesia torna-se sócia menor do imperialismo e passa a atuar como seu sustentáculo; outra parte adota no máximo uma posição reformista, vacilando diante de cada ameaça. Em relação ao regime militar, o setor burguês que se coloca como oposição almeja a quebra do monopólio do poder estabelecido pelos generais, mas não coloca em pauta transformações radicais na sociedade e muito menos a verdadeira liberdade para o povo.

Quando certas lideranças burguesas falam em uma possível convulsão social, têm em vista pressionar os donos do poder para obter alguma concessão e com isto aliviar a tensão. Na verdade elas temem mais o avanço das massas do que o regime opressor. Apavoram-se diante da revolução que amadurece, e que junto com o regime militar, pode derrubar também seus privilégios de classe dominante.

A liderança do proletariado na luta democrática é portanto a única garantia de que a frente única seguirá um caminho consciente. A direção burguesa nesta batalha tende a desviar-la para os compromissos e para a capitulação diante do regime militar e do capital internacional.

## INFLUÊNCIA BURGUESA

Apesar disto, basta ver o resultado das eleições de novembro para verificar que ainda é grande a influência burguesa sobre o movimento de massas. Na conquista da hegemonia, a classe operária não pode simplesmente menosprezar esta realidade. A chave para aliar esta situação é uma política que mobilize os mais amplos setores sociais — inclusive a oposição burguesa e as camadas populares sob sua influência — e por outro lado uma luta ideológica firme e paciente, que delimite os campos e permita às massas elevar o seu nível de consciência com base na sua própria experiência prática. Ou seja, uma política de unidade contra o regime e de luta pelas ideias e pelo caminho revolucionário.

O papel de freio que as lideranças reformistas e burguesas exercem sobre parcelas significativas do povo representa um entrave para o desenvolvimento da revolução no país.

## PODER POPULAR

Com o desenvolvimento da crise, cada vez mais se coloca na ordem do dia a questão do poder. A organização independente do movimento popular é a chave para impedir que as classes dominantes ditem de evitar a liquidação do regime militar com um arranjo de cúpula entre governistas e oposicionistas conciliadores. Enquanto para a burguesia trata-se de obter algumas mudanças, para o proletariado, além de conquistar um novo governo provisório, com as forças democráticas e populares, o objetivo é abrir caminho para um novo sistema de poder, onde o povo tome em suas mãos o destino do país. Estes dois caminhos estão sempre em conflito.

## Tribuna Operária

**Endereço:** Rua Adoniran Barbosa, 53, antiga Trav. Brig. Luiz Antonio, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. **Telefone:** 36 7531 (DDD 011). **Telex:** 01132133 TLOPBR. **Jornalista responsável:** Pedro de Oliveira. **Conselho de Direção:** Rogério Lualaba, Bernardo Jobily, Olívia Rangel.

### SUCURSAL:

- ACRE — Rio Branco: Rua Brasil, 97. Estação Experimental Rio Branco. CEP 69000. **AMAZONAS** — Manaus: Rua Simon Bolívar, 201. CEP 69000. **PARÁ** — Belém: Rua da Saudade — Caixa Postal 1439 — CEP 66000. **PARÁ** — Belém: Rua Aristides Lobo, 620. Centro. CEP 66000. **MARANHÃO** — São Luís: Rua do Machado, 174. Centro. CEP 65000. **PIAUÍ** — Teresina: Rua Ezequiel Martins, 1130. 19 andar. CEP 64000. **CEARÁ** — Fortaleza: Rua do Príncipe, 213, sala 206. CEP 60000. **SOROCABANA** — Sorocaba: Dom José, 1236, sala 4. CEP 13000. **RIO GRANDE DO NORTE** — Natal: Rua Francisco de Sá, 1098, sala 302. CEP 59000. **PARAÍBA** — João Pessoa: Rua Padre Maria, 301, sala 108. CEP 58000. **CAMPINA GRANDE**: Rua Venâncio Neves, 318, 11 andar. CEP 58100. **PERNAMBUCO** — Recife: Rua Senador, 221. Boa Vista. CEP 50000. **CABO**: Rua Vignolo Batista, 239. CEP 54000. **GOIÁS** — Goiânia: Rua 13 de Maio, 85. 11 andar. sala 3. CEP 74000. **ALAGOAS** — Maceió: Rua Orlando Pinto, 183. Centro. CEP 57000. **BERGÍPE** — Aracaju: Rua João Pessoa, 289, sala 28. CEP 49000. **BAHIA** — Salvador: Rua Sen. Costa Freixo, 845. Centro. CEP 42000. **FÉRRAS DE SANTANA**: Av. Getúlio Vargas, 280, sala 101. CEP 44100. **CAMARÁ**: Av. Getúlio Vargas, 280, sala 101. CEP 44100. **MINAS GERAIS** — Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 811. Fone: 224. CEP 31000. **ESPÍRITO SANTO** — Vitória: Rua Francisco Valadarez, 38 andar. sala 411. CEP 36100. **GOIÁS** — Goiânia: Rua 27 de 09. Centro. CEP 74000. **DISTRITO FEDERAL** — Brasília: Ed. Opale, sala 322. Setor Comercial Sul. CEP 70310. **MATO GROSSO** — Curitiba: Rua Comandante Costa, 548. Fone: 241. CEP 76000. **MAT. DO SUL** — Campo Grande: Rua Antonio Maria Costa, 1152. 11 andar. CEP 79000. **ESPÍRITO SANTO** — Vitória: Av. Itália, 961. Fone: 310. CEP 31000. **RIO DE JANEIRO** — Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208. CEP 20000. **RIO DE JANEIRO**: Rua Carvalho de Souza, 155, 10a F. Marabeta. CEP 20000. **NITERÓI**: Av. Anacleto Piccini, 370, sala 807. CEP 24000. **DUQUE DE CAXIAS**: Rua Nova Almeida, 40, sala 101. CEP 25000. **NOVA IGUAÇU**: Rua 29 de Setembro, 124, sala 100. CEP 25000. **SÃO PAULO** — São Bernardo do Campo: Rua Tenente Sales, 224, sala 12. CEP 06700. **São Caetano do Sul**: Rua São Carlos, 79, sala 202. CEP 06500. **CAMPINAS**: Rua República, 190, sala 12. CEP 13000. **Mantua**: Rua Dom Pedro, 180. 11 andar. CEP 17500. **PIRENEIA**: Rua São João, Pedro de Toledo, 136. CEP 13400. **Ribeirão Preto**: Rua Senador, 100. CEP 14000. **Santos**: Av. D. Manoel, 107. CEP 11000. **São José dos Campos**: Rua Sebastião Humberto, 185, sala 101. CEP 13600. **São José do Rio Preto**: Rua 15 de Novembro, 100, sala 101. CEP 13000. **PARANÁ** — Londrina: Rua Senador, 891, sala 7. CEP 86100. **RIO GRANDE DO SUL** — Porto Alegre: Rua Salvador de Oliveira, 100, sala 101. CEP 91000. **PALESTINA**: Rua Dr. Moura, 856. 11 andar. sala 15. CEP 95100. **PARANÁ** — Curitiba: Rua 15 de Novembro, 100, sala 101. CEP 91000. **UMA TRIBUNA OPERÁRIA** — Curitiba: Rua 15 de Novembro, 100, sala 101. CEP 91000. **UMA TRIBUNA OPERÁRIA** — Curitiba: Rua 15 de Novembro, 100, sala 101. CEP 91000. **UMA TRIBUNA OPERÁRIA** — Curitiba: Rua 15 de Novembro, 100, sala 101. CEP 91000.

# Abram alas para Chiquinha!

Uma feminista na virada do século. Assim pode ser definida Francisca Edwiges Neves Gonzaga, a compositora, instrumentista e maestrina Chiquinha Gonzaga, autora, entre outros sucessos, de "O abra alas" e "O corta jaca". Sua vida e sua obra são o tema do espetáculo musical que o Teatro Popular do Sesi está apresentando, gratuitamente, em S. Paulo.

Chiquinha nasceu em 17 de outubro de 1847 e, até a sua morte, em 1935, enfrentou o autoritarismo e o machismo da sociedade brasileira na arte, na política e na família patriarcal. Expulsa da casa dos pais por ter abandonado o marido que a maltratava e por querer viver de música, Chiquinha foi a primeira mulher brasileira a reger uma orquestra — e para ela foi criado o feminino da palavra maestro: maestrina.

## Artista popular e lutadora pela emancipação feminina já no início do século

Mas não foi somente a família que essa valente mulher teve que enfrentar. Pelo contrário, seus problemas familiares nada mais eram que o reflexo da sociedade, que fechou as portas. Na verdade, receptividade e apoio ao seu trabalho.

Chiquinha recebeu mesmo foi dos trabalhadores — dos escravos que a ouviam tocar violão, da população dos subúrbios cariocas que, nas ruas, cantava e dançava suas marchas carnavalescas, chorinhos, polcas, sambas e maxixes. Recebeu apoio, também, de músicos e intelectuais da época, como o flautista Joaquim Callado, considerado "pai do chorinho", José do Patrocínio, Viriato Corrêa, Arthur Azevedo e Nair de Tefé (esposa do presidente Hermes da Fonseca).

Chiquinha participou também das campanhas abolicionista e republicana, e foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, na luta pelos direitos autorais dos dramaturgos e compositores (foi ainda a pioneira, dentre as mulheres, no musicar peças teatrais no Brasil).



Cena de "Chiquinha Gonzaga, o abra Alas", e a maestrina aos 88 anos.

leira de Autores Teatrais, na luta pelos direitos autorais dos dramaturgos e compositores (foi ainda a pioneira, dentre as mulheres, no musicar peças teatrais no Brasil).



O Regional do Evandro participa do espetáculo

A biografia dessa mulher era, portanto, um prato cheio para o teatro. É o que conta a autora de "Chiquinha Gonzaga, o abra alas", Maria Adelaide Amaral: "A forma da peça me pertence, mas o conteúdo pertence a Chiquinha". Ela afirma que teve mais do que uma paixão pelo assunto: "Foi uma grande empolgação".

## No espetáculo trabalham 32 atores, fazendo mais de 100 personagens

Osmar Rodrigues Cruz, diretor da montagem em exibição no Teatro Popular do Sesi (avenida Paulista, 1313), conta que escolheu essa peça "porque vale a pena conhecer a vida de Chiquinha. E, por outro lado, o nosso povo gosta muito de música popular".

A peça deve ficar por vários meses em cartaz. "Até ter 150 espectadores na plateia", afirma Osmar, lembrando que a peça anterior, "O Santo Milagroso", de Lauro César Muniz, teve 603 mil espectadores,

em temporada de mais de dois anos. "A plateia continuava cheia. A peça só saiu porque já estava desgastada. Não nos atraiu mais continuar sua apresentação."

Dentre os 32 atores, que representam 140 personagens, estão Regina Braga (como Chiquinha), Elias Gleizer e Ricardo Dias (com um bom desempenho como José do Patrocínio). Participa ainda do espetáculo o Regional do Evandro, consagrado grupo de chorinho paulista. O excelente visual do espetáculo é da responsabilidade de Flávio Império. (Carlos Pompe)

## Estudantes Universitários organizam o Vira-Arte

Durante o IV Seminário da Viração, realizado na Bahia, surgiu a ideia de formar o Vira-Arte — "aglutinar jovens de todo o país dispostos a debater politicamente a arte e, o que é mais importante, produzir uma arte nova, de resistência, alternativa", segundo a universitária Marta Regina. Durante o IV Conselho Nacional de Entidades de Base da União Nacional dos Estudantes, a ideia evoluiu entre os viraionistas e teve algumas de suas primeiras consequências organizativas.

"De início nossa ideia é travar contatos entre os artistas universitários, através de correspondências ou nos encontros da UNE". Para coordenar o trabalho a nível nacional foram escolhidos os nomes de Marta Regina (rua Porto Ferreira, 552, J. Proença, Campinas, SP), Carlos Eduardo (Rua Tenente Silveira, 124, apto 506, Florianópolis, SC) e Cláudio Manoel (rua Teixeira Bastos, 486, Maceió, AL). Costa Martins; "como primeira atividade concreta a Vira-Arte produzirá um livreto de poemas feitos por artistas de todo o Brasil. Esses poemas devem ser enviados nos endereços citados até o dia 23 de setembro."

## O campeonato da violência

A violência gratuita e desnecessária atinge níveis insuportáveis no futebol paulista. A ponto de afugentarem os torcedores dos estádios, indignar a crônica esportiva e cobrir de vergonha e constrangimento os jogadores mais conscientes. A cada rodada do enfático e desmotivado Campeonato Paulista, sucedem-se grotescas cenas anti-esportivas.

Nas partidas disputadas pelos chamados "grandes" — os clubes da Capital, Santos e Campinas — os atos de violência ganham destaque, a despeito de estarem presentes em todos os jogos das três divisões do futebol profissional de São Paulo. Paulinho, médio volante corinthiano, no jogo de seu clube contra o Guarani, cometeu a inacreditável quantidade de 19 faltas. Uma a cada cinco minutos, portanto.

O desprezo dos juizes é um dos fatores de maior incentivo à violência, mas não o único. Na partida entre Portuguesa e Corinthians, o árbitro anotou um penalti em Casagrande. Pressionado pelos jogadores



Serginho, líder incontestado do jogo violento

torcedores que agrediram o juiz. Quando não agem assim, acobertando e promovendo descaradamente a violência, os cartolas se indignam e encaminham recursos, protestos e vetos à Federação contra os poucos árbitros que punem o jogo violento com rigor. Três jogadores dos Santos foram expulsos na partida contra a Portuguesa: Pagani, Dema e o insuperável Serginho, recordista de brigas, expulsões e confusões do futebol brasileiro. Os santistas Paulo Isidoro, Marco e J. Carlos, recusaram a justiça das expulsões. Porém os cartolas prometiam vetar o árbitro.

Nenhuma moldura assentaria melhor neste quadro de selvageria do que essa que lhe envolve, talhada na truculência e passionismo dos cartolas.

A Federação, que deveria coordenar alguma ação conjunta para estancar a violência, não toma nenhuma iniciativa. Pior ainda, fornece a sua contribuição para a violência quando programa calendários que sobrecarregam as tensões dos jogadores. Restam iniciativas isoladas, como a de Vladimir, presidente do Sindicato dos Jogadores, que pretende reunir jogadores e juizes para discutir o problema. Ou então o desânimo da maioria, muito bem caracterizado no desabafo de Casagrande: "...é preciso começar tudo de novo. O futebol recedeu à barbárie". (J. Madureira)

## Publicações da Editora Anita Garibaldi Ltda.

- O imperialismo e a revolução (Enver Hoxha)..... Cr\$ 800,00
  - Relatório ao 8º Congresso do PTA (Enver Hoxha)..... Cr\$ 800,00
  - Discurso aos eleitores (Enver Hoxha)..... Cr\$ 300,00
  - Farabundo Martí, herói do povo de El Salvador..... Cr\$ 200,00
  - Os comunistas e as elites (V. J. Lenin)..... Cr\$ 400,00
  - Educação revolucionária do comunista (D. Arrudal)..... Cr\$ 500,00
  - O revisionismo chinês de Mao Tsé Tung (J. Amazonas)..... Cr\$ 800,00
  - Pela liberdade e pela democracia popular (João Amazonas)..... Cr\$ 500,00
  - Socialismo, ideal da classe operária e anseio de todos os povos (João Amazonas)..... Cr\$ 500,00
  - Guerrilha do Araguaia..... (esgotada)
  - Princípio (revista teórica), nrs 1, 2, 3, 4, 5, e 6..... Cr\$ 500,00
- Peidos à Editora Anita Garibaldi Ltda. (com envio de cheque nominal no valor da compra). Rua Major Quelidino, 300, sala 3, CEP 01050, Bela Vista, São Paulo, Capital.

# Rio: quem fez os saques

Entrevista coletiva com os favelados da Vila do Vintém que deflagraram a onda de mais de 30 invasões de supermercados e padarias no Rio de Janeiro. Não são "agitadores", como quer a Polícia Federal. Nem da direita, como diz o governador Brizola. Apenas brasileiros famintos.



## Brizola com medo da luta do povo

A direita fascista tem bases fortes no Rio, onde morreu dona Lyda Monteiro e deu-se o caso Riocentro. É possível que tenha se infiltrado na onda de saques. Mas a explosão ocorrida tem outras causas — em primeiro lugar o grande saque levado a cabo na nação, por Figueiredo, Delfim e companhia, a serviço do FMI e do grande capital internacional. Por isso não há como concordar com a conduta do governador Brizola. Ele saiu em defesa de Figueiredo, dizendo que "ruim como ele, pior sem ele". Alegando maquiavélicas tramandas contra os governos estadual e federal, jogou a polícia contra as multidões famintas. Mais uma vez — pois não foi a primeira — preferiu ficar ao lado do Planalto. Contra o povo.

Como outros governadores eleitos pelo voto opacionista, o do Rio de Janeiro governa com medo da luta popular e fazendo media com o regime dos generais. Já começou a pagar por isto.

O interior de um dos supermercados saqueados e a polícia nas ruas do Rio: "Bateram até em mulher. Teve um que chegou a urinar sangue..."



A explosão de fome que sacudiu o Grande Rio partiu da favela Vila do Vintém, dia 3, com o ataque ao Supermercado Guanabara, no Realengo. Em seguida espalhou-se pelos subúrbios caríocas e municípios vizinhos.

O governo federal mobilizou contra o povo faminto desde a Polícia Federal até o serviço secreto da Marinha - Cenimar. E declarou-se "satisfeito" com a conduta do governador Leonel Brizola, que pôs em prontidão permanente os 26.500 soldados da PM, responsável por autênticas batalhas campais de várias horas, acontecendo em Vila Kennedy.

Brizola culpou a direita pelos incidentes. Disse que os primeiros saques foram obra de provocadores e a massa aderiu depois. Seu principal argumento foi que as invasões ocorreram junto com a "greve" reacionária dos comerciantes de Madureira, contra os camelôs. Mas a Tribuna Operária está em condições de afirmar que essa versão não procede.

É isto porque pudemos localizar, entre os 40 mil moradores da favela os iniciadores do movimento.

Os entrevistados, cerca de 30, naturalmente não quiseram dar nome nem endereço. A título de exemplo, um deles é calafate, desempregado há dois meses, e mora com a mulher e oito filhos numa minúscula casa de chão de terra batida. Outro, mais jovem, comerciante, casado e com uma

filha de sete meses, não acha trabalho há mais de um ano.

TO: Como e que surgiu entre vocês a ideia da invasão?

— Olha, rapaz, na manhã de sábado lá pelas 10 horas, a gente tava reunido na casa aqui do vizinho, batendo papo. Ai o camarada chegou em casa com uma bisnaga de pão para dividir entre toda a família.

— Sabe como é, início do mês, a maioria do pessoal que trabalha ainda não recebeu, a fome estava apertando o geral.

— A gente foi conversando, achando aquilo uma injustiça. Ai pintou a ideia de chegar no Supermercado Guanabara, entrar e sair sem pagar.

— A ideia era juntar umas 15 ou 20 pessoas, descer no Supermercado, pegar e dar esse calote. Mas conversando com os vizinhos e a família, o pessoal foi gostando da ideia. Teve até um que falou que no Rio o pessoal não é de nada e São Paulo é que é bom porque lá o pessoal tava com fome e entrava nos supermercados para pegar.

— Esse papo foi aglomerando pessoas, aglomerando pessoas, aglomerando pessoas... ai se combinou que nesse sábado mesmo a gente ia.

— Quando a gente chegou em frente ao Supermercado, já tinha um mundaréu de gente, umas 500 pessoas. O gerente viu e fechou as portas.

TO: O pessoal pagava mais o que? Tocou no dinheiro dos caixas?

— Não. Não pegou nem um centavo. Pegou mais feijão, arroz... — Olha, eu é que me dei mal. Eu não pude ir não, mas mandei meus filhos. Não é que eles só pegaram balas e chocolates?!

— Ai o pessoal da favela achou uma boa, todo mundo gostou da ideia. Tá tudo com grana curta, né? Ai o comentário era: quem não for é bobo.

— Todo mundo queria ir. Acho que se tivesse uma igreja aí até o padre ia.

— O pessoal foi vendo como fazer, viu que era melhor cortar o fio do telefone da loja, usar pé de cabra para abrir e tudo mais.

TO: A polícia não interveio?

— Olha, a polícia chegou logo depois mas só pegou um cara e liberou logo. No domingo a coisa incrementou, foi um montão de gente, para vários supermercados.

— A polícia arrepiou mesmo foi na quarta. Antes botaram um montão de federal aqui na favela para mapear o pessoal. Na quarta, a Polícia Militar cercou aqui e entrou de metralhadora, camburão, joaninha e tudo. Entravam nas casas e arrastavam as pessoas à força. Tudo andando em grupo.

— Eu mesmo só não fui preso porque me escondi dentro do armário e minha mulher falou que eu não estava.

— Olha, eu fui preso, na quarta. Até deu na Globo. Me arrebrantaram todo. Me levaram lá pra baixo e entrei na porrada. É num lugar perto da Praça Tiradentes. Era um edifício. Em cada sala que eu entrava, tinha um grupo que fazia perguntas e baixava o cacete.

TO: Mas o que é que a polícia perguntava?

— Queriam saber quem tava por trás de tudo, quem tinha organizado. Me encheram de pontapes e socos, na cara, no estômago e no rim. As vezes me batiam sozinho, às vezes com os outros. Teve um que chegou a urinar sangue de tanta porrada. Bateram até em mulher.

TO: O que vocês acharam da reação do Brizola, acusando a direita?

— Direita porra nenhuma. Eu votei foi nele! (Uma rápida pergunta entre os entrevistados constata que, dos 30, nada menos que 25 haviam votado no PDT dia 15 de novembro).

— Cadê a comida que ele prometeu?

— Ele aumenta os preços e depois joga a polícia em cima da gente.

— Eu não voto mais nele de jeito nenhum. Aliás, eu acho que não vou mais votar é em ninguém. Não adianta nada.

TO: Vocês tinham conhecimento do movimento dos comerciantes em Madureira?

— Faz-se silêncio. Depois de alguma indecisão, um responde: — Olha, eu li depois no jornal o Brizola dizendo que eles tinham alguma coisa a ver com as invasões. Foi a primeira vez que eu ouvi falar.

# As invasões chegam a Sergipe

Os saques chegaram a Sergipe. Acossados pela fome, os magos nus ("magros nus", flagelados do sertão) invadiram dia 9 a cidade de Nossa Senhora da Glória e em seguida outras cidades. Palmas, mandacaru, ratos... "a gente come de tudo pra conseguir ver o sol nascer no outro dia; e também saqueamos" — desabafa um velho sertanejo em Poço Redondo.

Em Glória, a 110 quilômetros de Aracaju, a ação começou às 8 horas, quando chegou a frente de trabalho da Adutora do São Francisco a notícia de que os salários, atrasados, seriam pagos na cidade. Um "cabo de turma" da frente, que prefere ficar no anonimato por temer represálias, conta o que ocorreu: "Os magros chegaram primeiro a pé, depois em caminhões pau-de-arara, cada um com 200 frentistas em média. Como o dinheiro não saiu o pessoal resolveu comer de qualquer forma e aí surgiu a ideia do saque".

As 9 horas já havia cerca de 500 pessoas em frente ao supermercado quando apareceram outras 500, que já foram chegando porta adentro. Alguns encheram seus sacos, outros simplesmente desmaiaram ao ver comida. Dois deles deixaram cair as latas onde levavam sua "refeição": uma tinha dois dedos de farinha com sal; a outra, farinha com sal e um pedacinho de biscoito.

A polícia desta vez não agiu com a violência de praxe: "O problema aqui é de fome e não de pancadas" — sentenciou um sargento. E o gerente do supermercado, Luciano Rodrigues, para



impedir que o saque continuasse disse aos famintos que fizessem fila que ele distribuiria alimentos. "Eu já estava há muito tempo de espírito preparado para enfrentar isso" — disse. Teve gente, porém, que ficou sem receber nada.

Muita gente, sobretudo mulheres, foi então à Prefeitura, embora o prefeito Antonio Feitosa (PDS) tivesse fugido para sua fazenda logo que soube do saque. Ali nossa reportagem ouviu depoimentos estardalhaçados.

Dona Maria dos Prazeres Lima, cinco filhos, denuncia chorando que trabalha nas frentes há dois meses, sem receber: "Estou passando fome com meus filhos". Ela não estava na hora do saque, mas confessa: "se estivesse não

pensava duas vezes". "A solução é o saque mesmo" — arremata Ana Rosa, em quem a fome seque o leite para amamentar o mais novo dos sete filhos. Dona Antonieta da Conceição, com oito filhos e o marido doente há seis meses, corta a polpa do mamão para alimentar a família. Outra senhora comenta: "Eles deram esta migalha só para enganar a gente, porque não dá para dois dias".

## "Por força da própria fome"

Sob o impacto desta primeira



O depoimento das mulheres e a concentração diante da Prefeitura: o prefeito fugiu para a fazenda...

invasão de uma cidade sergipana, cerca de 500 magros nus tomaram a cidade de Poço Redondo três dias depois, com um ultimato: "comida ou saque". O prefeito depois de conversar com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Manoel Dionísio, concordou em distribuir aos famintos a comida da merenda escolar.

No dia seguinte foi a vez de Porto da Folha onde, já no dia 6, comerciantes apelavam "urgente-mente" ao governo para que ao menos pagasse os Cr\$ 15.300,00 do salário dos frentistas: "As coisas

poderão se complicar, chegando até a acontecer coisas absurdas por parte dos trabalhadores, não porque querem, mas por força da própria fome".

O deputado estadual Nelson Araújo, presidente em exercício do PMDB, reforçou a denúncia. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porto da Folha alertou, em visita a sucursal da TO, que os saques iriam explodir. E o delegado sindical Jorge Pereira Lima, candidato a presidente da entidade, apontava também a corrupção: "O vereador Juarez Loureiro, PDS de Por-

to da Folha, tem dois filhos cadastrados na frente que nem se apresentam ao trabalho e recebem o dinheiro em dia".

O governo não quis saber das denúncias. Está mais ocupado em tragar banquetes de mais de Cr\$ 10 milhões, como o oferecido em junho ao governador João Alves Filho pela Prefeitura de Porto da Folha. O resultado são os saques, que segundo Jorge Lima, "se tornaram uma constante", pois "o mais importante era o início e este já foi dado, agora a própria miséria se encarrega do resto". (da sucursal)